

O ESTATUTO DAS FRICATIVAS NA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA*
(ON THE FRICATIVES OF 18TH AND 19TH CENTURY TUPI)

Aline CRUZ (Doutoranda; Vrije Universiteit Amsterdam/CAPES; Fonologia)
Orientador: Prof. Dr. Leo WETZELS

ABSTRACT: By analyzing documents edited by Martius (1794 – 1868) at the *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), I attempt to show that the coronal fricatives [s] and [ʃ] were allophones of the archiphoneme /S/ in the ‘Lingua Geral’ (Tupi-Guarani III), spoken on the Amazonian region in the 18th and 19th centuries.

KEYWORDS: *Brazilian general language (Tupi-Guarani III); Phonology; fricatives.*

0. Introdução

Durante o período colonial, a comunicação entre missionários católicos e diversos grupos indígenas que habitavam a América portuguesa foi estabelecida por intermédio da ‘Lingua Geral Brasileira’, originada do Tupinambá (família Tupi-Guarani, ramo III) (RODRIGUES 1996). Essa língua sobreviveu à independência e mantém-se, sob a forma de Nheengatú, no alto rio Negro, onde sua vitalidade permitiu o reconhecimento como língua co-oficial em São Gabriel da Cachoeira, município na fronteira com a Venezuela.

No Tupinambá, a fricativa coronal desvozeada /S/ se realizava tanto como alveolar [s], caracterizada pelo traço [+ anterior], quanto como pós-alveolar [ʃ], caracterizada como [– anterior] (RODRIGUES 1958). Ao analisar a variedade moderna, Nheengatú, BORGES (1991) observou que as fricativas coronais passaram a funcionar como fonemas distintos, ou seja, o traço [± anterior] passou a distinguir a fricativa alveolar /s/, da fricativa pós-alveolar /ʃ/. O objetivo deste artigo é investigar quando o traço [± anterior] passou a estabelecer a distinção fonológica entre as duas fricativas coronais.

Segundo MONSERRAT (2003: 193), a chave para essa mudança fonológica deve ser buscada no século XVIII, período de grande expansão da Língua Geral Brasileira, apesar da proibição de seu uso nas povoações e aldeias de repartição, conforme estabelecia a carta régia de 1727, assinada pelo Marquês de Pombal (1699 – 1782).

Ao analisar documentos do século XVIII, a autora concluiu que nessa fase do desenvolvimento da língua geral, /s/ e /ʃ/ funcionavam como fonemas distintos. Entretanto, apenas um par análogo é apresentado como evidência: *caičara* /kaisara/ ‘arraial’ e *sobaixara* /sowaijara/ ‘contrário’ (MONSERRAT 2003: 193). Levando em

*Este artigo resulta de reformulação de análise fonológica, desenvolvidas em dissertação de mestrado (cf. CRUZ 2005). Agradeço aos membros da banca, Profs. Drs. Cristina Altman (DL / USP; orientadora); Wilmar D’Angelis (IEL / UNICAMP) e Waldemar Ferreira Netto (DLCV / USP) pelas críticas e sugestões que tornaram esse artigo possível.

consideração as possíveis inconsistências na grafia dos dados coletados no século XVIII, esse contraste não parece ser suficiente para a afirmação de que [ʃ] já se constituísse como um fonema da Língua Geral Brasileira. Mesmo que se confie plenamente nos documentos, pode-se entender o contraste *caičara* e *sobaixara* como amostra de variação.

Nesta pesquisa, procurou-se investigar no *Diccionario da Língua Geral Brasileira: Portuguez e Alemão* e no *Glossario do Dialeto Vulgar do Pará ou da Língua Geral Brasileira*, ambos editados por Martius em seus *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), se, de fato, nos séculos XVIII e primeiro quartel do século XIX, o traço [± anterior] já teria sido incorporado ao sistema fonológico da língua geral, ou seja, se a fricativa alveolar /s/ opunha-se à fricativa pós-alveolar /ʃ/; ou se [s] e [ʃ] eram apenas alofones do arquifonema /S/.

1. Material de Análise

O material de análise constitui-se das listas de palavras ou dicionários que nos limites dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (doravante GLB) registram a Língua Geral Brasileira. São dois os materiais que correspondem a esse critério:

- *Diccionario da Língua Geral Brasileira: Portuguez e Alemão* (ANÔNIMO, dados coletados no século XVIII);
- *Glossário do Dialeto Vulgar do Pará* (SPIX & MARTIUS, dados coletados em 1819 – 20).

O *Diccionario da Língua Geral Brasileira: Portuguez e Alemão* (doravante DLGB_{XVIII}) disponibiliza 1.873 verbetes, que ocupam as páginas 31 a 97 dos GLB. Trata-se de um dicionário trilingüe, com entradas em Língua Geral Brasileira, seguida das versões em Português e em Alemão. Em 1795, uma versão bilíngüe (Língua Geral Brasileira – Português) havia sido publicada em Lisboa pela Imprensa Oficial como *Diccionario Portuguez e Brasileiro*, editado por Frei Velloso (1742 – 1811).

O *Glossário do Dialeto Vulgar do Pará* (GDVP_{XIX}) é uma lista de 396 vocábulos, coletados por Spix e Martius durante sua expedição pelo Brasil entre 1817 e 1820. Essa lista apresenta as entradas em Latim com sua versão para a Língua Geral Brasileira falada no Pará no século XIX, sem nenhuma versão em Alemão. Ocupa as páginas 7 a 11 dos GLB.

2. Assimilação do traço [– anterior]

Os dados de Língua Geral Brasileira, registrados tanto no DLGB_{XVIII} quanto no GDVP_{XIX}, obedecem à grafia da Língua Portuguesa, como afirmou Martius na introdução da compilação de obras lexicográficas, GLB. Desta forma, a fricativa pós-alveolar [ʃ] pode ser identificada pelo grafema <x>. Trabalhamos também com a hipótese de que fricativa pós-alveolar [ʃ] fosse representada pelo grafema <ch>, mas isso não ocorreu em nenhum dos dois materiais. O levantamento exaustivo de vocábulos grafados com <x> nos dois materiais resultou em 15 dados do século XVIII e seis do

século XIX¹. A baixa frequência do grafema <x> representando a fricativa pós-alveolar [ʃ] — 0,8% dos dados do DLGB_{XVIII} e 1,5% dos do GDVP_{XIX} — já é um indício de sua ocorrência apenas como alofone.

Tanto no material do século XVIII, apresentados em (1a), quanto no do século XIX, em (1b), observamos que a fricativa pós-alveolar ocorre em ambiente de vogal [coronal, + alta, – anterior] /i/, exceto em quatro casos no DLGB_{XVIII} e dois casos no GDVP_{XIX} explicados nos itens 3 e 4 deste artigo. No DLGB_{XVIII} a vogal /i/ foi grafada como <i>². Por sua vez, Spix e Martius, na coleta dos dados no século XIX, identificaram a vogal /i/ consistentemente pelo grafema <i>.

(1a)

aixe – tia (DLGB_{XVIII}: 33)³
apekéxínga –calvo (DLGB_{XVIII}:35)
japixá –ferir (DLGB_{XVIII}: 54)
moapyxaím – encrespar (DLGB_{XVIII}: 65)
mojapixaim – encrespar (DLGB_{XVIII}: 68)
moxi (puxi) – nas más horas (DLGB_{XVIII}: 72)

(1b)

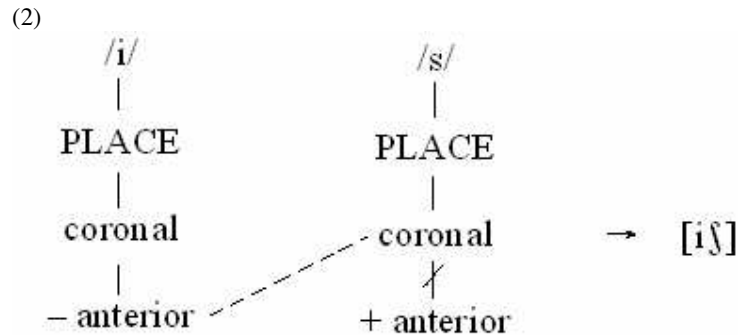
foedos, a, um – puxî (GDVP_{XIX}: 08)
a parte antica – sobaixára (GDVP_{XIX}: 10)
egulus, capitaneus, dux – tupixaba, tuxaua, morubixaba (GDVP_{XIX}: 10)

O padrão constante de ocorrência da fricativa pós-alveolar em ambiente da vogal [coronal, + alta, – anterior] sugere que esse ambiente favorecesse a articulação [– anterior] de /s/, formando [ʃ]. As fricativas [s] e [ʃ] caracterizam-se como [coronal], mas são distintas justamente pelo traço [± anterior], sendo a fricativa alveolar [s], marcada como [+ anterior] e a fricativa pós-alveolar [ʃ], [– anterior]. Parece razoável entender [ʃ] como alofone do fonema fricativo coronal /s/, como era o caso no Tupinambá do século XVI. A formação de [ʃ] pode ser explicada pela assimilação do traço [– anterior] da vogal /i/. Nos demais contextos, /s/ era realizado como fricativa alveolar [s]. No diagrama abaixo (2), representamos a assimilação do traço [– anterior] da vogal /i/, criando a consoante [ʃ]:

¹ Os vocábulos em que ocorre o grafema <x> foram listados de forma exaustiva no decorrer dos exemplos (cf. para DLGB_{XVIII}, exemplos 1a, 3, 4, 6, 7a, 8; para GDVP_{XIX}, cf. 1b, 6b, 7b).

² Porém, há oscilação entre as grafias <i> e <y> para o vocábulo “encrespar”: moapyxaím ~ mojapixaim.

³ Respeitou-se a grafia original dos verbetes, mas foram omitidas as versões em alemão, registradas no DLGB_{XVIII}.



O diagrama em (2) mostra que a vogal /i/ e a consoante /s/ tem em comum o traço de ponto de articulação [coronal], mas diferem entre outros aspectos pela marcação do traço [± anterior]. Na articulação de /s/ diante da vogal [coronal, + alta, – anterior] /i/, o traço [+ anterior], que não tinha relevância fonológica na Língua Geral Brasílica do século XVIII, desassocia-se de /s/, criando a pronúncia pós-alveolar [ʃ]. Essa regra aplicava-se tanto na forma de assimilação progressiva (“nas más horas”, *moxi*), quanto como assimilação regressiva (“tia”, *aixe*).

Para verificar o alcance da regra em (2), verificou-se nos dois materiais analisados, se havia contra-exemplos, ou seja, dados em que a fricativa alveolar [s], representada pelos grafemas <c> ou <ç>, ocorria contígua à vogal [coronal, + alta, – anterior] /i/, representada por <i>. Isso não ocorreu.

3. Casos de Empréstimo

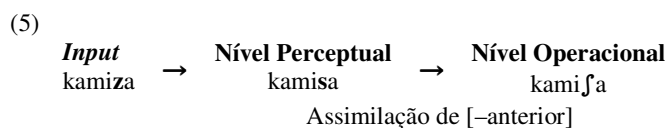
Uma maneira bastante interessante de verificar a extensão de uma regra em uma determinada língua é observar como os falantes realizam vocábulos tomados por empréstimo de outros idiomas. Por sorte, o descritor anônimo do século XVIII atentou para esse tipo de vocábulo, registrando adaptações de vocábulos portugueses, ao serem pronunciados pelos falantes de Língua Geral Brasílica. Em (3), observamos que o vocábulo do Português “bexiga” foi facilmente interpretado pelos falantes de Língua Geral Brasílica, uma vez que obedecia ao padrão fricativa pós-alveolar [ʃ] diante da vogal alta:

(3) **mixica** rána (port.) – **bexigas**, sarampão (DLGB_{XVIII}: 64)

O vocábulo “camisa” /ka¹miza/, no entanto, apresentava o fonema /z/, alheio ao sistema fonológico da Língua Geral Brasílica. Na reprodução desse vocábulo, os falantes não-nativos em Português, interpretaram a fricativa alveolar vozeada /z/ da língua europeia como fricativa pós-alveolar desvozeada /ʃ/:

(4) camixá (port.) – *camisa* (DLGB_{XVIII}: 37)

Para entender o dado em (4), é preciso levar em consideração que na Língua Geral Brasílica o traço [\pm voz] não tinha relevância fonológica, de modo que a fricativa alveolar era realizada foneticamente como [- voz], privilegiando o traço não-marcado. Assim, a fricativa alveolar vozeada /z/ do Português /ka'miza/ era interpretada pelos falantes de Língua Geral Brasílica como /s/. O vocábulo resultante, *[kamisa]⁴, passava pelos mesmos processos que as demais palavras da Língua Geral Brasílica, inclusive pela regra em (2), produzindo *[kamiʃa]. No esquema em (5), baseado em SILVERMAN (1992 *apud* GUSSENHOVEN & JACOBS 1998), apresentamos essa análise em termos de *input* — forma do vocábulo na língua estrangeira (Português) —; **nível perceptual** — interpretação do ouvinte não-nativo em Português do que foi pronunciado — e **nível operacional** — reprodução adaptada do vocábulo tomado como empréstimo.



Se, por um lado, os dados de empréstimos permitem verificar a atuação de regras pós-lexicais, como ocorre em (3) e (4); por outro, deve-se tomar certa precaução ao analisá-los. Em (6), são apresentados vocábulos tomados emprestados do Português, em que a fricativa pós-alveolar [ʃ], representada pelo grafema <x>, aparece com outras vogais:

(6a)
xavi (port) – chave, fechadura (DLGB_{XVIII}:95)
moxovi (port.) – fechar com chave, aferrolhar (DLGB_{XVIII}:72).

(6b)
 clavis – **xabi** (chave port.) (GDVP_{XIX}: 07)

Embora nos vocábulos da Língua Geral Brasílica, a fricativa pós-alveolar [ʃ] estivesse restrita à ambiente de vogal [coronal, + alta, – anterior], os falantes naturalmente reconheciam o segmento em outros contextos fonológicos. Ao adaptarem a forma do Português /ʃave/, os falantes preferiram manter a pronúncia a mais próxima possível à da língua alvo, mesmo que isso implicasse em violações a regras do vocabulário autóctone. Desta forma, os dados em (6a) e (6b) não são exceções à regra em (2), mas apenas casos de empréstimos, cuja adaptação privilegiou a proximidade fonética ao *input* do Português.

⁴ O símbolo (*) indica formas hipotéticas, para as quais não consideramos relevante identificar o acento.

4. O pronome *ixé* e seus derivados

Cabe ainda questionar a realização de formas ligadas ao pronome livre de primeira pessoa. No DLGB_{XVIII}, há dois verbetes correspondentes ao Português “eu” — *ixé* e *xe*. No documento do século XIX, prevalece a forma *xe*.

(7a)

ixé (je) – *eu* (DLGB_{XVIII}: 53)

xe (je) – *eu* (DLGB_{XVIII}: 95)

(7b)

ego – *je*, *xe* (GDVP_{XIX}: 08)

Estudos mais recentes sobre a Língua Geral Brasileira, baseados tanto em documentos antigos quanto no Nheengatú falado no alto Rio Negro, sugerem que a forma *ixé* prevalece como pronome livre, enquanto a forma *xe-* realiza-se como morfema preso, funcionando como argumento de verbo intransitivo estativo (cf. MOORE et al. 1993, RODRIGUES 1997, LEITE 2003; entre outros), como ocorre em (8). De fato, no *Pequeno Dicionário da Língua Geral* (GRENAND & FERREIRA 1989), que registra a língua geral falada atualmente no alto Rio Negro, o pronome livre de primeira pessoa do singular continua sendo registrado como *ixé*.

(8)

xemocanhémo – enfeitar (DLGB_{XVIII}: 95).

xe – mo – canhemo

1p.sg. estativo – causativo – enfeitar

Reconhece-se claramente o vínculo histórico-gramatical entre *xe* e *ixé*. O pronome de primeira pessoa livre *ixé* /ise/ realiza-se como [iʃe], devido à regra de assimilação descrita em (2). A realização de *xe* resulta de um processo ordenado: primeiro, houve a assimilação de [– anterior], formando [iʃe]; em seguida, por razões morfossintáticas, que escapam aos limites desse trabalho, houve o apagamento da vogal inicial, formando [ʃe].

5. Considerações Finais

A investigação da representação das fricativas alveolar e pós-alveolar no *Diccionario da Lingua Geral Brasileira: Portugues e Alemão* e no *Glossario do Dialeto Vulgar do Pará ou da Língua Geral Brasileira*, ambos editados por Martius em seus *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863) não permite assumir que esses segmentos se opunham como fonemas até o primeiro quartel do século XIX. Parece mais razoável entender [s] e [ʃ] como alofones do arquifonema /S/.

Pelo menos em relação aos materiais que analisamos, a realização pós-alveolar da fricativa ocorria por assimilação do traço [– anterior] das vogais [coronal, + alta, – anterior]. É possível que essa regra de assimilação tenha engatilhado um processo de mudança em que [± anterior] tenha passado a funcionar como traço distintivo no Nheengatú moderno, como observou BORGES (1991). Esta inovação teria ocorrido a

partir da segunda metade do século XIX, e não no século XVIII como afirmou MONSERRAT (2003).

Uma resposta mais precisa à questão sobre quando o traço [± anterior] passou a distinguir fonemas em Língua Geral Brasílica depende de uma investigação em documentos do século XIX e do início do XX.

RESUMO: A partir da análise de documentos editados por Martius (1794 – 1868) em seus *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), buscou-se demonstrar que as fricativas coronais [s] e [ʃ] eram alofones do arquifonema /S/ da Língua Geral Brasílica (família Tupi-Guarani, ramo III), falado na Amazônia no século XVIII e primeiro quartel XIX.

PALAVRAS-CHAVES: línguas indígenas brasileiras; Língua Geral Brasílica (Tupi-Guarani, ramo III); fricativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÔNIMO. “Diccionario da Língua Geral Brasilica: Portuguez e Alemão”. [dados coletados no século XVIII]. In: MARTIUS, K. F. P. (org.). *Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Wiesbaden: Martin Sandig, 1969. (Fac-símile da 1a. ed. Erlangen: Druck von Junge & Sohn, 1863), pp. 25 – 97.
- BORGES, L. C. *A língua geral amazônica: aspectos de uma fonêmica*. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: UNICAMP, 1991.
- CLEMENTS, G. N. “Feature Organization”. In: versão manuscrita a aparecer em BROWN, K. (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier Limited, 2004.
- CRUZ, A. “Reconstrução Fonológica e Lexical do Nheengatú desde o Tupinambá (séc. XVI – XXI)”. [Projeto de Doutorado, sob orientação do Prof. Dr. Leo Wetzels]. São Paulo & Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam & CAPES, 2006.
- _____. *O Resgate da Língua Geral — Modos de Representação das unidades lingüísticas da Língua Geral Brasílica e do Tupi Austral na obra de Martius (1794 – 1868)*. [Dissertação de Mestrado, sob orientação da Profa. Dra. Cristina Altman]. São Paulo: FFLCH – USP, 2005.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Indiana University Linguistics Club, 1976.
- GREINAND, F. & FERREIRA, E. H. *Pequeno Dicionário da Língua Geral*. SEDUC / Núcleo de Recursos Tecnológicos, 1989.
- GUSSENHOVEN, C. & JACOBS, H. *Understanding Phonology*. Londres; Nova York, Sidnei & Auckland: Arnold, 1998.
- LEITE, Yonne. “Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil.— Um critério de avaliação”. In: ZWARTJES, Otto & ALTMAN, Cristina (Orgs.) *Missionary Linguistics - Orthography and Phonology*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2005.
- MARTIUS, K. F. P. von. “Glossário do Dialeto Vulgar do Pará”. *Glossários de diversas línguas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Wiesbaden: Martin Sandig, 1969 (Fac-símile da 1a. ed. Erlangen: Druck von Junge & Sohn, 1863), pp. 05 – 11.

- MONSERRAT, R. M. F. “O tupi do século XVIII (tupi-médio)”. In: BESSA FREIRE, J. R. & ROSA, M. C. (org.). *Línguas Gerais — Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2003, pp. 185 – 194.
- MOORE, D.; FACUNDES, S. & PIRES, N. “Nheengatu (LGA), it’s history, and effects of language contact”. *Proceedings of the Meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages of the Americas*. Berkeley 1993, 2.4: 93 – 118.
- RODRIGUES, A. D. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. [Tese de Doutorado]. Universidade de Hamburgo, 1958.
- _____. *Língua Brasileiras — Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- _____. “As Línguas Gerais Sul-Americanas”. *Papia — Revista de Crioulos de Base Ibérica* 4.2, 1996, pp. 6-18.
- _____. “Descripción del tupinambá en el período colonial: el Arte de José de Anchieta”. In: ZIMMERMANN, K. *La descripción de las lengua amerindias en la época colonial*. Frankfurt: Vervuert & Madri: Iberoamericana, 1997, pp. 371 – 400.
- WETZELS, L. 1995. *Estudos Fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.